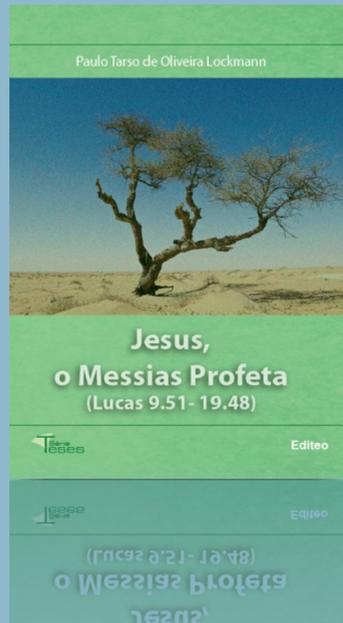
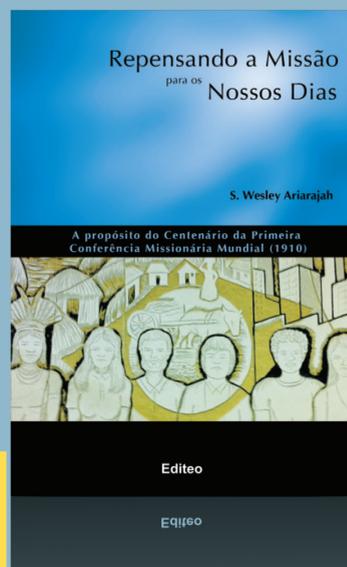


Lançamentos Editeo 1º. semestre 2011

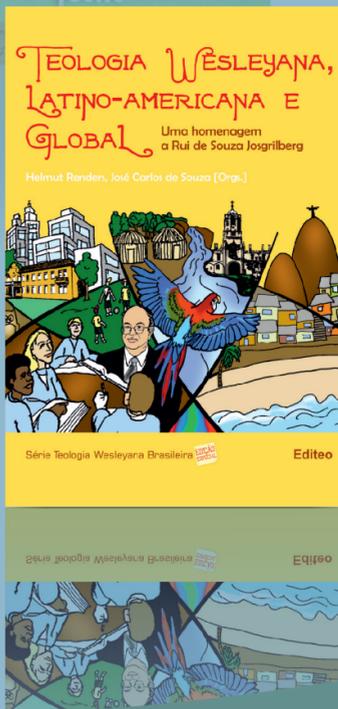
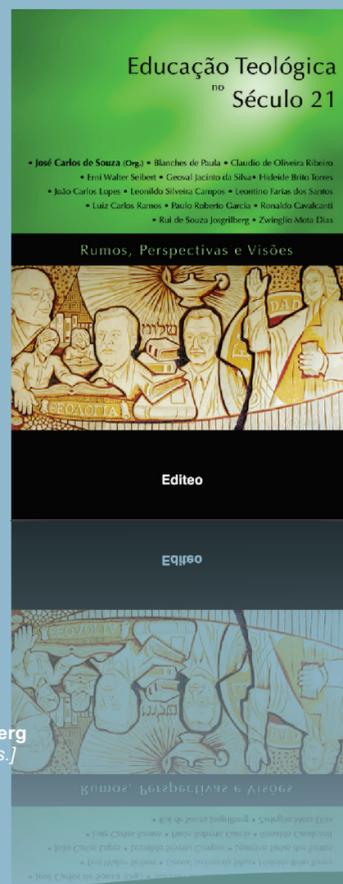
Jesus, o Messias-Profeta
Paulo Tarso de Oliveira Lockmann
Séries Teses



Repensando a Missão para os nossos dias.
A propósito do centenário da 1ª. Conferência Missionária Mundial de 1910
S. Wesley Ariarajah



Educação Teológica no Século 21
Rumos, Perspectivas e Visões
José Carlos de Souza [Org.]



Teologia Wesleyana, Latino-americana e Global
Uma homenagem a Rui de Souza Josgrilberg
Helmut Renders, José Carlos de Souza [Orgs.]
Série Teologia Wesleyana Brasileira

mosaico

apoio pastoral



NESTA EDIÇÃO

Interpretar com emoção e razão
pág. 3

Reunir os que andam dispersos:
A propósito de João 11. 45-53
pág. 5

Um olhar transformador:
Reflexões sobre o papel do verbo *atenizo* em Atos 3
pág. 7

John Wesley,
a Bíblia e o povo
pág. 9

A importância de uma leitura complementar entre o Antigo e o Novo Testamentos
pág. 11

Pistas para a interpretação bíblica hoje a partir da leitura da Bíblia em John Wesley
pág. 13

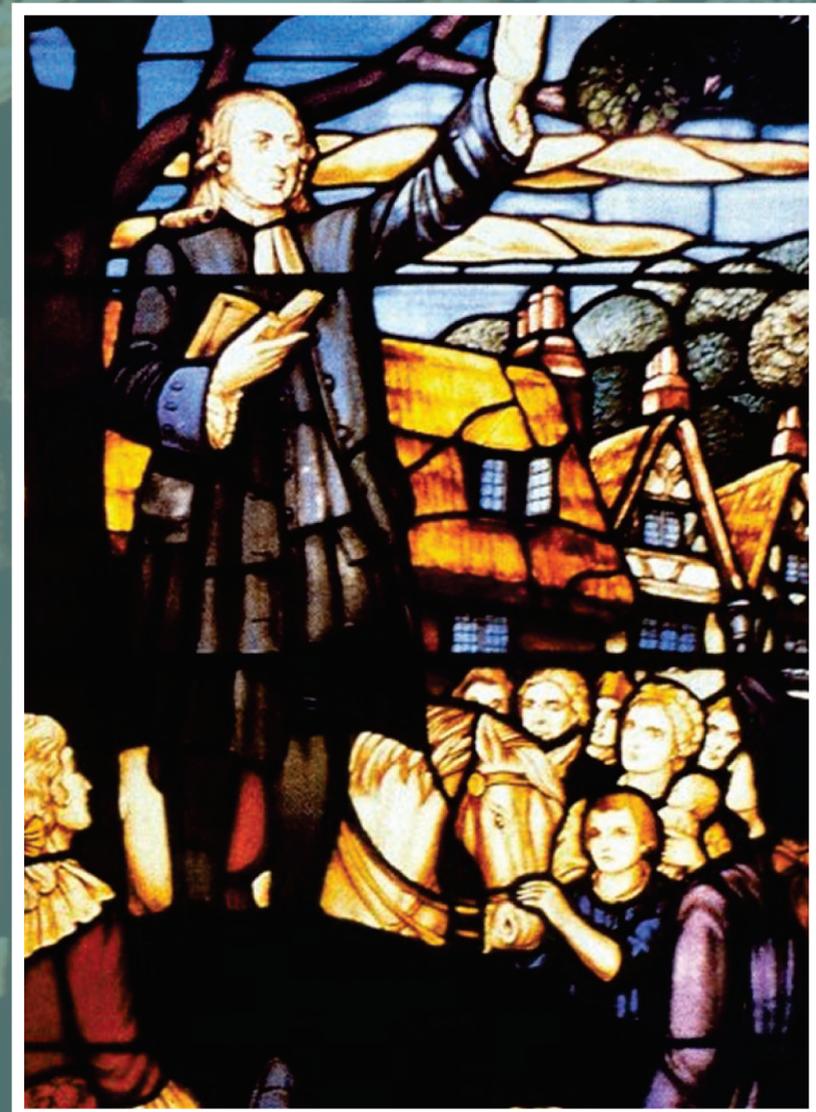
O círculo bíblico:
uma experiência no morro de Santa Teresa
pág. 15

Caminhos altaneiros para fora das realidades tumultuadas
pág. 17

Liturgia e meio ambiente:
qual a relação?
pág. 19

Oração pela PAZ e compromisso com o MEIO AMBIENTE
pág. 22

Semana Mundial pela Paz na Palestina e Israel
pág. 23



A Bíblia e o povo

Informações e Vendas • Livraria da Editeo:
Tel (11) 4366-5982 / 4366-5787 • Fax (11) 4366-5988
E-mail: livrariaediteo@metodista.br
Rua do Sacramento, 230 – Rudge Ramos
09640-000 – São Bernardo do Campo – SP

Mosaico Apoio Pastoral — Ano 19, nº. 48 — Faculdade de Teologia da Igreja Metodista — UMESP — janeiro/maio de 2011 — ISSN 1676-1170-43



Editorial

A Bíblia e o Povo

“A Bíblia é fruto e objeto de uma estreita relação com o povo”

Como realizamos anualmente, o *Mosaico* publicado em maio, traz contribuições ao tema desenvolvido na Semana Wesleyana respectiva. É uma oportunidade de aprofundamento da temática sob outras perspectivas, por gente capacitada a contribuir com as reflexões.

O tema de 2011, que na Semana Wesleyana contará com o conferencista Howard Snyder, “Wesley, a Bíblia e o Povo”, instigou que o *Mosaico* tivesse a contribuição exclusiva dos professores e professora da FATEO que atuam na área de Bíblia. O resultado é um material riquíssimo que agora colocamos nas mãos dos nossos leitores e leitoras, que nos estimula a olharmos para a Bíblia como fruto e objeto de uma estreita relação com o povo, as pessoas que são personagens mas também agentes dos seus conteúdos.

As reflexões do *Mosaico* também nos desafiam a tornar a Bíblia mais próxima do povo, sem es-

quecer a responsabilidade que as lideranças cristãs precisam ter nas ações de aproximação, respeitando os textos e os processos de estudo e aprendizado que eles exigem. Vale à pena refletir junto com os autores do rico conjunto de textos que agora temos em mãos.

Para completar, é bom dedicar tempo à leitura do sermão e das sugestões litúrgicas que podem ser aplicadas em qualquer comunidade, estas, especificamente voltadas para um tema importante no momento em que vivemos, o cuidado com a Criação, a propósito do dia 4 de junho, Dia do Meio Ambiente. Junto com este tema vem também o sempre apropriado desafio da paz e o estímulo à oração, junto com outras igrejas do mundo, pela paz numa região do mundo que é muito cara aos cristãos – a Palestina.

Boa leitura! Que esta edição de *Mosaico* seja mesmo o que se dispõe ser: um apoio pastoral!

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 19, nº 48,
Janeiro/Maio de 2011

Publicação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Universidade Metodista de São Paulo - Reitor: Márcio de Moraes

Faculdade de Teologia: Reitor/Diretor: Paulo Roberto Garcia
Vice-Reitor: Nicanor Lopes **Diretor Administrativo:** Otoniel Luciano Ribeiro

Editeo - Comissão Editorial
Blanches de Paula, Helmut Renders (coordenador), José Carlos de Souza, Magali do Nascimento Cunha, Tércio Machado Siqueira

Editora do Mosaico: Magali do Nascimento Cunha

Projeto gráfico: Luiz Carlos Ramos; **Editores e Arte final:** Marcos Brescovici; **Capa:** Marcos Brescovici **Edição e montagem de imagens:** Marcos Brescovici; **Imagens:** sites: www.corbis.com, www.sxc.hu, **Assistente de Produção:** Fagner Pereira dos Santos **Tiragem deste número:** 3.000 exemplares. **Distribuição gratuita.**

Errata: Na Edição n. 47, junho/dezembro de 2010, o crédito das fotos da FATEO nas p. 3 a 7, 23 a 26, 30 a 31 e 39 é “Luciana de Santana”.

*
* * *
*

Mosaico Apoio Pastoral

EDITEO



Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,
São Bernardo do Campo, CEP
09731-970



Fone: (0__11) 4366-5958



editeo@metodista.br

Editorial

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



Interpretar com emoção e razão

Tércio Machado Siqueira

A tarefa de interpretar um texto bíblico exige do/a estudante, basicamente, três tipos de análise: a primeira é a leitura compreensiva da forma literária com que o texto (perícopo) se apresenta; a segunda é a busca da espiritualidade do texto; a terceira é a descoberta da circunstância histórica com que o/a autor/a estava envolvido ao pronunciar estas palavras.

A forma do texto

O texto que escolhemos para ler, analisar e interpretar é Isaías 40, 25-51. Entendemos que este texto forma uma perícopo, isto é, um parágrafo contendo um argumento. Assim, o/a autor/a, em primeiro lugar, quer afirmar que Deus é o Criador de todas as coisas (versos 25-26):

A quem me haveis de comparar? A quem me assemelharei? – diz o Santo. Elevai vossos olhos para o alto e vede: Quem criou estas coisas (astros)? É aquele que faz sair o seu exército em número certo e fixo, e a todos chama pelo nome; Por ser grande em força, e forte em poder nem um só vem faltar (v.25-26).

Em sequência, o/a autor/a expõe a sua decla-

ração de fé: Só Deus pode libertar o povo. *Por que tu dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel: “Meu caminho está encoberto a Javé; e o meu direito, passa despercebido ao meu Deus? Não sabes ou não ouviste o Deus eterno Javé, o criador, dos fins da terra, não se cansa e não se fatiga; Não se pode pesquisar, a sua inteligência/ação. Ele dá força ao cansado. E faz crescer o vigor ao sem força. Mesmo os jovens se cansam e se esgotam, e os moços vivem a tropeçar. Mas os que esperam em Javé fazem brotar as suas forças, sobem com asas como as águias; Eles correm e não se esgotam; Eles caminham e não se cansam” (v. 27-31).*

Lendo, assim, a perícopo (versos 25-31), começamos a perceber que o/a autor/a destes versos argumentava em favor da intensificação da confiança em Deus a fim de libertar o povo bíblico de uma situação desagradável, semelhante àquela do Egito, muitos séculos atrás. O povo perdeu a esperança e a confiança no seu Deus. Algo havia acontecido que os impedia de acreditar numa outra libertação.

Primeiramente, o profeta argumenta que Deus é Aquele que criou o mundo. Ele é

incomparável; Ele é o Santo (vale a pena dizer que Isaías gosta de referir-se a Javé com este título, em seus apelos para que o povo confie em Deus, conforme Is 1,4; 5,19.24; 6,3 entre outras); Ele é o Criador (v. 26b); Ele é grande em força e forte em poder (v. 26c). Enfim, Javé não pode ser comparado com os deuses dos povos. Provavelmente, o profeta referia-se ao deus Marduc, da Babilônia.

Nos versos 27-31, o profeta procura resgatar a confiança do povo oprimido e sem confiança. Ele quer passar confiança para o povo e afirmar que Javé pode libertá-lo daquela situação desconfortável. Desconfiado, o povo argumenta: *Meu caminho está encoberto a Javé; e o meu direito, passa despercebido ao meu Deus? (v.27c)*. Trata-se de um lamento como fez o salmista: *Por que escondes tua face, esquecendo nossa opressão e miséria? (Sl 44,25; conforme Lm 5,20).*

Este pessimismo do povo retratado no texto tem uma razão de ser: A comunidade israelita está exilada na Babilônia. O texto de Isaías 40,25-31 mostra o desânimo dos exilados. As pa-

lavras de ânimo do profeta, dirigidas a esses ouvintes retratam as condições físicas e psicológicas deles: *Meu caminho está encoberto a Javé e o meu direito passa despercebido (v.27) Javé não se cansa e nem fadiga (v.28); Javé dá força ao cansado (v.29); Javé faz crescer o vigor ao sem força (v.29); Os jovens se cansam e se esgotam, os moços vivem a tropeçar (v.30).* Os ouvintes são exilados cansados, esgotados, sem vigor, fatigados e sem força. Em outra descrição, o profeta caracteriza os exilados com aparência desfigurada, sem beleza e formosura, desprezados, abandonados, familiarizados com o sofrimento, maltratados, feridos e doentes (conforme Isaías 52,13 – 53,12).

Mediante esta desconfiança e desânimo, o profeta empreende uma série de argumentos, apelando para a memória histórica do êxodo do Egito: *Não sabes ou não ouviste o Deus eterno Javé, o criador, dos fins da terra, não se cansa e não se fatiga? (v.28a)*. Javé é eterno; Ele é o Deus de todos os tempos. É sugestivo observar que o profeta usa o mesmo verbo empregado no relato da criação (Gn 1,1-2,4a): *bara, criar*

A Bíblia
e o pro

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



(v.26b e 28c). Trata-se de um verbo teologicamente significativo.

A palavra do profeta aos exilados

É sabido que o profeta estava entre os exilados na Babilônia. Ao contrário do exílio empreendido pelos assírios, aos israelitas do Reino do Norte (722 aC), dispersando as famílias, os exilados na Babilônia (597 e 587 aC) foram

não se fatiga (v.28c-d); *Ele dá força ao cansado* (v.29a); *Ele faz crescer o vigor do sem força* (v.29b); *Javé faz brotar as forças* (v.31a); *Javé faz subir com asas como águias* (v.31b); *Ele faz correr e não esgotar* (v.31c) e *faz caminhar e não cansar* (v.31d). A intenção do profeta é animar os desalentados exilados. Isto fica claro quando ele usa três palavras pertencentes ao campo semântico de “força”: *koba* (v.26f; 29a;

para animar o desalentado. É preciso retratar Deus em sua ação libertadora. Assim: *Dá força ao cansado* (v.29a); *Faz crescer o vigor ao sem força* (v.29b); *Faz brotar as forças* (v.31a); *Faz subir com asas como águias* (v.31b); *Faz correr e não esgotar* (v.31c) e *faz caminhar e não cansar* (v.31d)

Notas conclusivas

O profeta é um missionário. Ele sabe que a frustração e tristeza são portas abertas para sair em busca de qualquer auxílio, mesmo os mais estranhos e vazios. Para tanto, ele repete insistentemente a sua declaração de fé.

Poucos textos bíblicos afirmam com tanta veemência uma declaração de fé tão completa. São onze afirmações sobre a ação de Deus: *Ele dá força ao cansado. E faz crescer o vigor ao sem força. Mesmo os jovens se cansam e se esgotam, e os moços vivem a tropeçar. Mas os que esperam em Javé fazem brotar as suas forças, sobem com asas como as águias; Eles correm e não se esgotam; Eles caminham e não se cansam* (v. 27-31).

Qual é a razão dessas declarações? O profeta falava para pessoas presas e exiladas numa terra longínqua, separadas dos familiares (viúvos, órfãos, enfim, os expatriados). O sofrimento traz uma sensação de in-

segurança e ausência de rumo. É preciso da fé para resgatar a esperança.

A frase *não se pode pesquisar a sua inteligência* é muito significativa. O profeta quer afirmar que é impossível conhecer toda a ação de Deus na história. A obra de Deus assemelha-se com o milagre.

Em vez de querer conhecer as obras de Deus para decidir sobre o caminho a tomar na vida, o profeta sugere uma atitude para os fatigados e desalentados: Esperar em Deus. Assim o profeta diz: *Os que esperam em Javé fazem brotar as suas forças, sobem com asas como as águias; Eles correm e não se esgotam; Eles caminham e não se cansam* (v.31).

Por fim, interpretar textos da Bíblia é uma arte que requer do/a intérprete a razão e o senso da espiritualidade. Se tomarmos somente o caminho da razão alcançaremos resultados parciais. Se fizermos o caminho da emoção, obteremos um produto que não é sólido. Portanto, a interpretação de um texto da Bíblia tem que, necessariamente, valorizar a real intenção do/a autor/a, isto é, a espiritualidade e o raciocínio de seus argumentos.

Tércio Machado Siqueira é pastor metodista, doutor em Ciências da Religião e professor de Bíblia da FATEO.



reunidos, provavelmente, numa só localidade. Este fato possibilitou-os de manter a fé no Deus Javé e serem pastoreados por profetas como Ezequiel e o escritor discípulo de Isaías (Is 40-55).

Eis como o profeta descrevia a ação de Deus: *Santo* (v.1); *Grande em força* (v.26e); *Forte em poder* (v.26f); *Deus eterno* (v.28b); *Javé, o Criador dos fins da terra* (v.28c); *Ele não se cansa e*

31d); *onim* (v.26e; 29b) e *amis* (v.26f). Estas definições não se alinham com as do culto em Jerusalém: Altíssimo (Sl 9,2; 18,13); Rei (Sl 44,4; 45,1); Excelso (Sl 138,6; 148,13); Grande e Supremo (Sl 95,3). Porém, o profeta dos exilados usa uma linguagem mais apropriada ao êxodo. A descrição de Deus como rei ou altíssimo não é suficiente

A Bíblia
e o povo

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



Reunir os que andam dispersos: A propósito de João 11. 45-53

Milton Schwantes

Muitos judeus que tinham ido visitar Maria viram o que Jesus fez e creram nele. Mas alguns voltaram e contaram aos fariseus e chefes dos sacerdotes se reuniram com o Conselho Superior e disseram:

— O que vamos fazer? Este homem está fazendo muitos milagres! Se deixarmos que ele continue assim, todos vão acreditar nele. Então as autoridades romanas agirão contra nós e destruirão o Templo e o nosso país.

Então Caifás, que era o Grande Sacerdote naquele ano, disse:

— Vocês ainda não entenderam? Para vocês é melhor que morra apenas um homem pelo povo do que deixar que o país todo seja destruído.

Naquele instante Caifás não falava por si mesmo. Mas, como ele era o Grande Sacerdote naquele ano, estava profetizando que Jesus ia morrer pela nação. E não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo todos os filhos de Deus que estão espalhados em toda a parte. Então, daquele

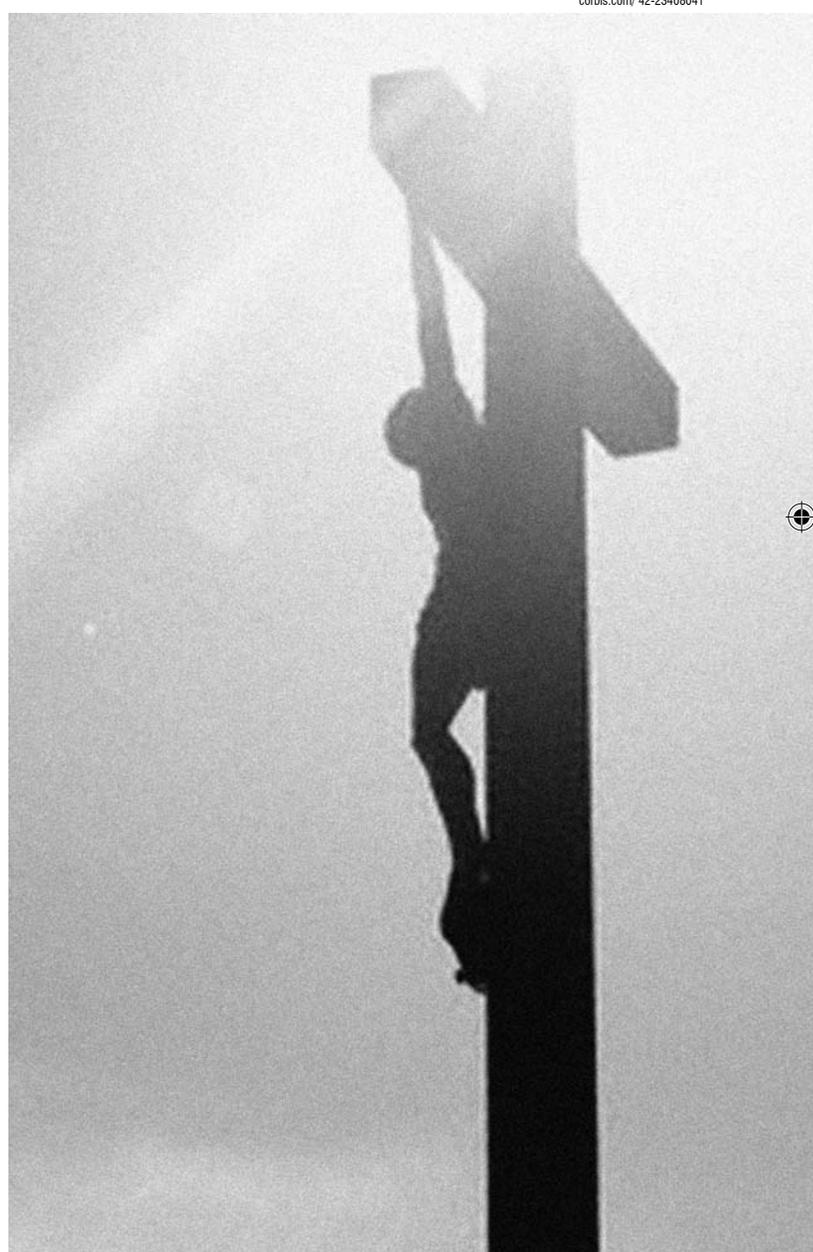
dia em diante, os líderes judeus fizeram planos para matar Jesus.

Vida e obra de Jesus têm significado para os povos todos. Este testemunho é um dos eixos do Novo Testamento. Nele são contados feitos concretos de Jesus de Nazaré. Mas, tais concretizações sempre visam o povo todo, as nações, o mundo inteiro, a criação toda. Tudo é inclusivo.

Esta também é a ênfase de João, na passagem em questão. A vida do Messias está em relação ao povo, aos dispersos todos. Neste sentido, nossa passagem comunga do que é destacado pelo todo do Novo Testamento.

Contudo, esta proposta englobante não se realiza de modo abstrato, genérico. Esta missão universal não é efetivada através de mediações generalizantes. Seu jeito é antes específico. Faz-se pequeno. É como se falasse dialeto.

Trata-se de “reunir os dispersos”. Como? Não de maneira geral, mas em concreto, “reunindo” discípulos e discípulos, como Jesus



corbis.com/ 42-23408041

o fazia. O Evangelho de João já o evidencia em seus primeiros capítulos. O ca-

pítulo 11 até delinea um modelo ainda mais específico. A “reunião dos dispersos” se dá na “casa”.

*A Bíblia
e o povo*

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



Ao refazer a “casa” de Maria, Marta e Lázaro, Jesus reúne os “dispersos”, desata os amarrados, ressuscita os mortos.

Quer dizer: a reunião de dispersos é mediada por gestos pequenos, por grupos, por casas, por essas práticas que quase passam despercebidas.

Não é fácil crer neste caminho. As perguntas são muitas. As dúvidas, outras tantas. Justamente, o evangelho de João se põe a discutir, perguntar e argumentar, para que a gente cresça na certeza desse projeto. Também aí o capítulo 11 é um eloqüente exemplar: Marta questiona e argumenta. Jesus dialoga. Faz emergir certezas entre as pessoas. Leva Marta a confessar: “Tu és o Cristo!”. Convence por dentro. Nisso reside o poder dos caminhos do Messias.

Não basta “reunir”, assim por fora, assim que só se somem as pessoas. Gente “somada”, não agrupa, não forma “casa”. Essas coisas passam por dentro. É a conversa, é a liberdade da dúvida, é o salto da fé, são essas “coisas” que consolidam por dentro.

Por isso, há os “crê-em” (v. 45) e os que denunciam às autoridades (v.46). Um mesmo evento desemboca em ações tão contraditórias, em fé e denúncia! Uns se reúnem, outros correm para dar

queixa aos poderosos. É interessante: aqui o contrário da fé não é a indiferença, mas a calúnia, a difamação pública.

E isso não é, por acaso, o caso. Acontece que gente “dispersa” deixa de sê-lo. Nisso já há um problema. Pois, poderes e potestades se mantêm porque a outros mantêm na dispersão. Manda quem dispersa! Por aí já se vê que quem reúne dispersos cria problemas para quem cria dispersos,



para quem esparrama o povo, para que nos torna eternos migrantes, pra cima e pra baixo, pra cá e pra lá. Quem reúne os dispersos, cria problemas para sinédrios, romanos, chefões e similares.

Pior ainda, quando tal reunião de dispersos ocorre nas “aldeias”. Sim, Betânia, aquele lugarejo de Maria, Marta e Lázaro, é uma “aldeia”, um lugar sem importância (VV. 1 e 30).

E ainda pior, quando tal reunião admite mulheres, quando já não exclui a umas e a outras. E Marta não só está aí pra completar a cena. Tem perguntas. Tem sua palavra. E é palavra decisiva, reveladora: “Tu és o Cristo!” (v. 27). Nessa hora o mundo, tão arrumadinho, de que subjugava mantendo-nos em dispersão, vem abaixo.

Os “sinédrios” são convocados. Argumentos e arrazoados são elaborados: se permitirmos que

tamanha “contundência” que, afinal, por “puro amor” se vêem “até obrigados” a matar: “Convém que morra” (v. 50). “Desde aquele dia resolveram matá-lo” (v. 53. Para que o mundo dos “sinédrios” não venha abaixo, é preciso matar, dispersar, falsificar.

O Messias Deus, que na solidariedade foi a caminho da cruz, se faz presente nesta pequena obra de reunir dispersos. Reúne os dispersos daquela casa de aldeia de Marta, Maria e Lázaro. Agrupa discípulas e discípulos. Iniciativas pequenas. Gestos de aldeia. Coisas que se dão nas casas.

Dessa dispersão há de nascer “um só corpo” (v. 52) de filhas e filhos de Deus, sem exclusões ou denominações, tão típicos de nossas casas e de nossas igrejas, não só dos “sinédrios”, “romanos” e similares. Coisas que se dão nas casas.

É que o sonho, aquele sonho mesmo costuma ser grande, envolvente, tem ares de fantasia. Aí saem coisas que só vendo. E é bom até. O sonho de nosso Messias até que é pequeno. É sonho de acordado.

Milton Schwantes é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), doutor em Teologia e professor de Bíblia da FATEO. Texto extraído do jornal Contexto Pastoral (italico), n. 6, ja-fev 1992.

*A Bíblia
e o povo*

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



UM OLHAR TRANSFORMADOR

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO VERBO ATENIZO EM ATOS 3

Paulo Roberto Garcia

O relato da cura do coxo em Atos 3.1-10 ocupa lugar de destaque no conjunto literário lucano, formado pelo Evangelho de Lucas e o livro de Atos dos Apóstolos. Os capítulos 2 a 5 do livro de Atos representam o gênero literário de relatos de fundação de comunidade, ou seja, eles apresentam as características marcantes dessa comunidade que está surgindo.

A primeira característica aparece no capítulo 2, em Pentecostes: a comunidade nascente é dirigida pelo Espírito. A segunda aparece em 4.36-5.42 nos relatos da partilha dos bens. Os participantes da comunidade nascente não tinham necessidade de nada, pois tinham tudo em comum. Essas são duas das principais características do cristianismo nascente.

A terceira característica é encontrada em nossa perícopie: Atos 3.1-10. Habitualmente é descrita como a cura do coxo. Nossa pergunta é: a cura é central nesse relato? Se não for, o que é central nele? Qual a característica fundante do cristianismo que esse relato descreve?

A cura no relato de Atos 3

O relato de Atos 3 recebeu na maioria de nossas Bíblias o título de “A cura do coxo” (em especial nas traduções Almeida). Nosso olhar é, portanto, dirigido diretamente à cura, como ponto central no relato. Mas, se lermos o relato com atenção, observaremos que boa parte dele é dedicada à situação do coxo e ao encontro dele com Pedro e João. A cura, propriamente dita, ocupa apenas um versículo: “E, tomando-o pela mão direita, o levantou; imediatamente, os seus pés e tornozelos se firmaram” (At 3.7 ARA).

Percebemos que, não apenas o versículo é curto, mas que também não há uma ênfase no milagre em si.

O olhar no relato de Atos 3

A ênfase desse relato é percebida na longa descrição do encontro de Pedro e João com o coxo. Destaca-se nesse encontro a presença de vários verbos que têm uma mesma função: descrever formas de se enxergar. Vejamos isso na tabela a seguir.

Atos 3. 1-5 (ARA – Almeida Revista e Atualizada)	
3.1 Pedro e João subiam ao templo para a oração da hora nona.	
3.2 Era levado um homem, coxo de nascença, o qual punham diariamente à porta do templo chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam.	
3.3 Vendo (<i>orao</i>) ele a Pedro e João, que iam entrar no templo, implorava que lhe dessem uma esmola.	Ele vê a Pedro e João. O verbo <i>oraw</i> (no original grego) pode ser traduzido como ver, notar, perceber.
3.4 Pedro, fitando-o (<i>atenizo</i>), juntamente com João, disse: Olha (<i>blepo</i>) para nós.	Nessa parte aparece o verbo que será tema do próximo tópico, o verbo <i>atenizo</i> . Além disso, encontramos o verbo <i>blepo</i> que pode ser traduzido por ver, olhar.
3.5 Ele os olhava (<i>epeicho</i>) atentamente, esperando receber alguma coisa.	Finalmente, temos outro verbo do campo semântico do ver, que é o verbo <i>epeicho</i> (imperfeito do <i>epecho</i>) que pode ser traduzido por objetivar, fixar atenção.

Notamos nesse relato que a intensidade do “ver” vai aumentando na medida em que o encontro se desenrola. O ponto alto para Pedro e João é o verbo *epeicho* que abordaremos logo abaixo, no item 3, na discussão sobre o verbo *atenizo*. Para o coxo, no entanto, a percepção (*orao*) da presença de Pedro e João não tem importância maior do que a possibilidade de receber uma esmola daqueles transeuntes. Mas, a partir do momento em que Pedro o fita (*atenizo*) e pede que os olhe (*blepo*), sua atenção é chamada e ele fixa o olhar nos dois passantes. O verbo *epe-*

cho é um verbo incomum no Novo Testamento. Ele só aparece 5 vezes. Duas na coleção das cartas ligadas a Paulo (Fp 2.16, 1Tm 4.16) e as outras 3 no conjunto lucano (Lc 14.7): uma quando Jesus repara na luta que os convidados travam em uma festa para ocupar os primeiros lugares; outra em At 3.5, na perícopie em estudo, e a terceira em At 19.22, onde é descrito que Paulo permaneceu na Ásia. Nesse último caso, permanecer é mais do que descrever a presença física. É fixar sua atenção na Ásia.

Vemos, portanto, que o coxo passa de um observador de transeuntes

A Bíblia e o povo



para um observador de alguém que o chama, que fixa sua atenção (*epeicho*). O texto acrescenta que esse olhar fixado, atento, era um olhar interessado. Ele esperava receber alguma coisa, como realmente recebeu, ainda que não tenha sido o que ele realmente esperava (ouro ou prata).

Atenizo: um olhar diferenciado

Semelhante ao que vimos acima sobre o verbo *epeicho*, observamos também no verbo *atenizo*, que igualmente é incomum no Novo Testamento. Ele aparece somente 14 vezes. Duas vezes em 2Coríntios (3.7 e 3.13). Em uma delas o verbo *atenizo* destaca a impossibilidade de fixar os olhos no rosto de Moisés, devido à glória de Deus, e outra vez na informação de que o uso do véu por Moisés tinha por finalidade evitar que eles fixassem os olhos naquilo que é transitório. As outras doze ocorrências aparecem no conjunto lucano (Lc 4.20 e 22.56; At 1.10; 3.4,12; 6.15; 7.55; 10.4; 11.6; 13.9; 14.9; 23.1). Com a relação apresentada, percebemos que esse verbo é quase exclusivo da literatura lucana e, com grande presença no livro de Atos. Porém, qual a ênfase que ele denota?

Ao analisarmos as ocorrências percebemos que o verbo aparece ligado a um momento em que a atenção a um evento ou a um anúncio é decisivo. Jesus na sinagoga, após a leitura do texto de Isaías, tem o olhar de todos os participantes fixos nele, esperando a instrução que provém da leitura do texto sagrado (Lc 4.20). Pedro, durante a prisão de Jesus, é percebido por uma criada que, fitando-o (*atenizo*) afirma que Pedro era um seguidor de Jesus (22.56). Na ascensão de Jesus os discípulos fixam os olhos no céu (At 1.10). Na prisão de Estevão, os participantes do Sinédrio fixam os olhos nele e vêem o rosto de um anjo (6.15). Estevão, no seu martírio, fixa os olhos nos céus e vê os céus abertos (7.55).

Nesses exemplos, e em outros nos quais surge o verbo *atenizo*, existe uma característica em comum: o verbo está sempre ligado a uma proclamação da fé (mesmo que Pedro negue a afirmação da serva de que ele estava com Jesus). Fixar os olhos era uma atitude de reconhecer que havia uma mensagem de Deus para ser acolhida ou era uma atitude de reconhecer uma necessidade

de realizar uma ação de Deus na vida de pessoas. Deste modo, percebe-se que essas ocorrências do verbo estão ligadas a momentos em que o anúncio da fé está em evidência. O uso desse verbo por Lucas demonstra que o prestar atenção determina que algo pode acontecer. Pode ser uma cura, uma defesa da fé, um anúncio da palavra, a explicação da palavra, etc. Esse olhar vinculado ao testemunho ou à defesa da fé é fundamental no relato de Lucas.

Um olhar que compartilha a fé

Aqui temos a terceira característica do movimento que nasce: o movimento cristão que está nascendo. A comunidade cristã, que tem como característica a direção do Espírito Santo e a partilha dos bens para não haver necessidade, é possuidora de um olhar que percebe os imperceptíveis. Aqueles e aquelas que, abandonados na beira do caminho, não têm perspectivas de vida. Pedro e João fixam os olhos nesse coxo. A partir daí eles partilham o que têm de valor: o nome de Jesus. A cura e a salvação acontecem. Se analisarmos o texto da cura que

Paulo efetua em Listra (At 14), veremos que a mesma coisa acontece. Por haver fé para a salvação, Paulo manda que o enfermo dos pés se levante. E ele se levanta!

O conjunto literário Lucano (Evangelho e Atos) apresenta uma característica marcante do ser cristão que desafia a comunidade a desenvolver uma forma de olhar o outro capaz de promover a restauração da vida. O anúncio e a propagação da fé necessitam que os participantes da comunidade desenvolvam uma forma de olhar que lhes permita perceber as pessoas situadas à margem da vida; que lhes permita enxergar os anunciadores da vontade de Deus, que lhes permita realizar a vontade de Deus, na vida daqueles e daquelas que, agora, são vistos e percebidos.

Recuperar o sentido desse verbo como uma forma de ser da comunidade cristã em meio aos sofrimentos e às angústias do povo é o desafio atual e fundamental.

Paulo Roberto Garcia é pastor metodista, professor de Bíblia (*Voz Missionária*) e Reitor da Faculdade de Teologia da FATEO. Adaptado de texto publicado na revista *Voz MISSIONÁRIA*.

A Bíblia
e o povo

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



John Wesley, a Bíblia e o povo

Helmut Renders

Para entender a relação entre John Wesley, a Bíblia e o povo, precisamos fazer uma viagem no tempo. Não existiam bíblias eletrônicas on-line ou no celular. A produção barata em massa de livros estava somente no seu início. Bíblias eram ainda caras. Além disso, muitas pessoas nem sabiam ler ou ler direito. E em alguns países a igreja não passou a Bíblia para as mãos do povo, argumentando que este não teria suficiente entendimento e discernimento.

John Wesley era um pastor anglicano que andava muito preocupado com a situação do povo inglês da sua época. Toda a Inglaterra estava em movimento. No próprio país, as pessoas migravam da zona rural para os grandes centros como Londres e Bristol em busca de trabalho e do seu sustento. Eram pessoas que tinham deixado sua forma de vida antiga e ainda não tinham encontrado um jeito de viver no novo mundo, nesta fase pré-industrial. No ano da morte de Wesley, em 1791, a Inglaterra era o poder colonial número um no mundo. No ano do seu nascimento, tudo

isso somente começava a aparecer.

A Bíblia para o povo

Em muitos outros países, como, por exemplo, o Brasil, pastores metodistas e de outras igrejas protestantes eram colportores da Bíblia, ou seja, eles a distribuíaam ou vendiam. Isso parece ter sido, na Inglaterra do século XVIII, um pouco diferente. No mínimo, não lemos muito sobre a venda de Bíblias por Wesley. Provavelmente, já houvera uma razoável distribuição como herança dos puritanos dos séculos XVI e XVII. A Bíblia estava chegando às mãos do povo. Bastava ajudar a estudar e a compreendê-la. Isso aconteceu nos diversos tipos de reuniões metodistas de forma comunitária. Mesmo que Wesley não adotasse o nome *collegia philobiblia* (= escola de amantes da Bíblia), que o pietista August Hermann Francke dera a seus pequenos grupos, o estímulo para ler a Bíblia era comum nas sociedades metodistas, nas classes e nas famílias.

A Bíblia para os pregadores do povo

Uma grande preocupação quanto à Bíblia

era, para John Wesley, a formação dos pastores leigos do movimento. Sem formação profunda – e, em grande parte, sem acesso às universidades –, eles necessitavam de uma formação contínua, oferecida pelo próprio movimento metodista.

John Wesley achava esse trabalho educacional tão importante que ele separou um tempo considerável para escrever livros com o objetivo de ajudar interpretar a Bíblia na perspectiva do movimento. Para isso, ele escreveu dois comentários: suas Notas explicativas sobre o Novo Testamento e suas Notas explicativas sobre o Antigo Testamento. Ambos se baseavam em comentários de outros estudiosos, mas Wesley deixou a sua marca por omissões, sínteses e acréscimos. Finalmente, no fim da sua vida, apresentou até uma tradução própria da Bíblia.

E não parou por aí. Wesley acreditava que um pregador metodista não somente precisava saber identificar e reproduzir bons conteúdos, mas ser capacitado a entender as decisões por trás da tradução proposta e dos

comentários feitos por ele. Por causa disso, escreveu gramáticas do grego e do hebraico bíblicos e do latim. De fato, não sabemos com muita certeza o resultado desse último esforço. Entretanto, o ideal da capacitação para um discernimento competente dos conteúdos bíblicos tornou-se marca metodista.

Além disso, suas coletâneas de sermões eram exemplos práticos de ler e interpretar a Bíblia. Os primeiros 44 sermões ele publicou em 1747 e, em 1782 seguia mais uma série de 121 sermões. Essas coletâneas enfatizavam o caminho da salvação na perspectiva da pessoa (1747) e o caminhar do movimento metodista diante de Deus e da humanidade (1782).

A Bíblia como documento do caminho da salvação

Wesley viveu antes dos grandes conflitos entre ciência e fé que ocorreram no século XIX e culminaram, no início do século XX, no cisma radical entre o movimento fundamentalista e uma ciência sem consideração por Deus. Para ele, amar a sabedoria

*A Bíblia
e o povo*

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



inspirada e inspiradora dos autores bíblicos e promover as mais recentes descobertas científicas da sua época não estavam em contradição. Seu Guia da sabedoria de Deus na criação representava tudo que a ciência da sua época pensava sobre o corpo humano, a terra e o cosmo.



Arquivo FA Teo

Mas sua ênfase na interpretação do texto bíblico estava na sua explicação do caminho da salvação. Por que se precisa da salvação? Como e por meio de quem Deus anuncia a salvação? O que é salvação? Um estado? Um processo? O que faz Deus para a salvação?

Quem pode ser salvo? Como o ser humano pode responder à proposta de Deus? Qual é o propósito da igreja no mundo? Há esperança somente no além ou já aqui?

A Bíblia, a salvação e o povo

Wesley se posicionou entre as propostas e compreensões da sua época com a clara intenção de servir ao povo mais humilde, com pouco acesso à formação e a uma vivência religiosa inspiradora e motivadora. É uma das grandes contribuições na leitura da Bíblia a maneira como Wesley defendeu o povo usando-a contra preconceitos, e isso dentro da sua perspectiva de uma salvação abrangente.

Chamou a “lei do jubileu” uma “lei para pobres e devedores insolventes” e considerava um passo na direção certa a criação de uma legislação pela qual “ninguém fosse empobrecido ou arruinado por uma rígida cobrança das dívidas”. Não por acaso, representavam para Wesley as palavras em Lucas 4.18-19 – que cita o ano do jubileu – a vocação do movimento metodista. Com isso, combatia

qualquer justificativa da pobreza pela afirmação da “contínua existência” dos pobres. A Bíblia, para Wesley, não deveria ser usada para justificar uma injustiça tão gritante.

Esperava ainda que o povo escutasse o chamado de Deus. Entendeu que a Bíblia era um livro para o povo, cujo objetivo era iniciar em cada mulher e homem, criança e adulto, um processo de salvação cada vez mais abrangente e rico: de graça a graça, da religião social (comunhão religiosa) e da santidade social (transformação de ambientes e instituições), do reino da graça (os sinais do reino na terra) e do reino da glória (a consumação final), da religião do coração (o que envolve o ser humano na sua existência) e da vida (o que se refere as suas ações no cotidiano).

A Bíblia e o encanto do povo com beleza da salvação

Finalmente, não podemos nos esquecer de falar dos hinos metodistas. Certamente, os versos de Charles Wesley contribuíram para que as grandes linhas da Bíblia referentes à salvação chegassem

ao coração do povo. O canto levou ao encanto. Inclusive, Charles publicou dois hinários totalmente compostos por versículos bíblicos. Além disso, eram suas canções – como os sermões de seu irmão John – repletas de citações de versículos e temas bíblicos.

Os metodistas cantavam com a alegria da salvação, com a esperança de crescer além das primeiras certezas de serem amados e amadas por Deus de forma incondicional. Buscavam a maturidade cristã: homens e mulheres, jovens e adultos capazes de testemunhar a vida em Deus e poder fazer a diferença no seu cotidiano. Para isso, beberam continuamente da fonte da vida através da sua palavra, crescendo no amor, na esperança e na fé, acrescentando prudência, temperança, coragem e um tremendo sentido de justiça.

Helmut Renders é pastor metodista, doutor em Ciências da Religião, professor de Teologia e coordenador do Centro de Estudos Wesleyanos da FA Teo.

*A Bíblia
e o povo*

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



A importância de uma leitura complementar entre o Antigo e o Novo Testamentos

Sueley Xavier dos Santos

“Naqueles dias, a palavra do Senhor era mui rara” (1Sm 3.1b). Este trecho das Escrituras está no contexto do chamado de Samuel, o qual descreve no relato anterior que a casa de Eli havia se corrompido, e em seqüência é narrada a visão de Samuel. É importante destacar que nesta visão, Samuel ouviu o chamado de Deus e responde: “Fala porque teu servo ouvi”.

Pensando neste texto e nos padrões doutrinários estabelecidos por Wesley, nos Vinte e Cinco Artigos de Religião, especialmente os artigos 5 (Da suficiência das Santas Escrituras) e 6 (Do Antigo Testamento), talvez estejamos vivendo um tempo em que também a Palavra do Senhor tem sido rara. Por isso, Ele tem chamado mulheres e homens para compreender melhor sua vontade, ouvir sua voz e responder ao seu chamado através de sua Palavra. Mas, qual tem sido a nossa resposta?

Para responder a contento esta pergunta, precisamos “conhecer e prosseguir em conhecer

o Senhor” (Os 6.6). E isso só é possível por meio da leitura e do estudo da Bíblia. Os artigos mencionados demonstram o que representa a Palavra de Deus no contexto do cotidiano das comunidades de fé. Para tanto, vamos pensar um pouco mais sobre questão e sobre a complementaridade entre Antigo e Novo Testamentos.

O artigo 5, Da suficiência das Santas Escrituras, orienta sobre o fato de que o Texto Sagrado é suficiente para ensinar cristãs e cristãos sobre o que é necessário para a salvação, a saber, a Bíblia apresenta Deus atuando na vida de pessoas através da libertação, salvação e concedendo vida digna. Assim, as Escrituras devem ser lidas como um todo, ou seja, de Gênesis a Apocalipse, pois nela encontramos orientações para a nossa conduta cristã.

Nesta perspectiva, o artigo 6 deixa bem clara a proporcionalidade de importância do Antigo e Novo Testamentos. Este artigo, Do Antigo Tes-

tamento, destaca que: “o Antigo Testamento [AT] não está em contradição com o Novo [NT], pois tanto no Antigo como no Novo Testamentos a vida eterna é oferecida à humanidade por Cristo, que é o único mediador entre Deus e o homem [sic](...), portanto não se deve dar ouvidos àqueles que dizem que os pa-

“Da suficiência das Santas Escrituras” e “Do Antigo Testamento”

triarcas tinham em vista somente promessas transitórias”. Nesta orientação, observamos que o referencial doutrinário da Igreja não privilegia uma parte da Escritura em detrimento da outra, pelo contrário, compreende a complementaridade e mutualidade entre ambos os Testamentos.

Os riscos da descontextualização

Sobre a parcialidade das Escrituras, pode-

mos destacar que durante muito tempo, cristãos/ãs, de um modo geral, privilegiaram a figura paulina como referencial de fé, a quem poderíamos chamar mais de “paulinos” do que “cristãos”, uma vez que Paulo havia se tornado o modelo de vida para muitos. A figura dele foi resgatada como uma forma de regulamentar alguns princípios e regras para muitas igrejas, inclusive metodistas.

Uma leitura distorcida de Paulo legitimava um modo de pensar bem diferente daquele pregado pelo próprio Apóstolo, como, por exemplo, quando ele diz: “eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus” (1Co 3.6). Por conseguinte, Paulo descreve que ele é apenas servo do Senhor, e faz a sua parte. Ele aponta para Deus o resultado daquilo que ele plantou.

Portanto, uma leitura literal do texto, descontextualizada e sem critério, deixou muitas pessoas a mercê de um “cristianismo paulino” excludente e hierarquizado, conforme a leitura equivocada do/a “intérprete”, principal-

A Bíblia e o povo



mente com relação às mulheres.

No relato acima vemos o distanciamento da orientação doutrinária da Igreja, com referência aos Artigos 5 e 6. Mais recentemente, esta visão estreita tem se voltado para o AT.

naquele lugar, para aquela época.

A nossa doutrina, na perspectiva dos Artigos 5 e 6 dos Vinte e Cinco Artigos de Religião, nos lembra que não há como servirmos a Deus e nos deixarmos “levar por qualquer vento de doutrina”. Desse modo, precisamos aprender a ler as Escrituras e saber que nelas há cerimônias, ritos e preceitos civis que não se aplicam aos nossos dias, mas nos ajudam a compreender o contexto da época para, a partir daí, trazer para atualidade, como demonstra claramente o artigo 6: “Embora a lei dada por Deus a Moisés, quanto às cerimônias e ritos, não se aplique a cristãos, nem tão pouco os seus preceitos civis devam ser necessariamente aceitos por qualquer governo, nenhum cristão está isento de obedecer aos mandamentos chamados morais”.

Se antes havia até um certo medo de ler e interpretar o AT, agora, o que ocorre é uma volta aos preceitos do texto veterotestamentário sem a disposição de olhar para o contexto e observar que algumas práticas são estritamente relacionados à cultura daquele povo,

Nos primeiros séculos do cristianismo, o teólogo Marcião tentou produzir um cânon da Escritura. Ele foi o primeiro a tentar fazer isso, mas a sua teologia não compreendia e não aceitava a complementaridade entre os dois Testamentos, por isso ele propôs um cânon com o

Evangelho de Lucas, sem o relato do nascimento e da infância de Jesus, e dez cartas Paulinas, sem as cartas pastorais. Há muitos cristãos/ãs também produzindo seu próprio cânon, o que contradiz o nosso referencial de fé que é a Palavra de Deus como um todo.

Para o estudioso da Bíblia chamado Gerhard von Rad, o AT e NT se interpretam mutuamente. O AT deve ser interpretado em direção a Cristo e o NT deve ser entendido como continuidade do anúncio dos atos salvíficos de Deus. O que nos ajuda a entender o texto como um todo, e não de maneira parcial.

Algumas considerações

Como nos tempos de Samuel, hoje também a Palavra do Senhor tem sido “mui rara”, isso porque não somente há uma falta de leitura da Bíblia, como também interpretações parciais, para legitimar um determinado comportamento.

A Bíblia é instrumento para conhecermos a Deus e nos pautarmos em nosso cotidiano. Ela nos ajuda a dar razão da nossa fé, que está baseada em Jesus Cristo, filho de Deus, que veio ao mundo para salvar todo/a aquele/a que nele crê, e

que atua hoje na promessa de sua presença através do Espírito Santo. Não se faz necessário voltar a algumas tradições do AT, ou legitimar um determinado comportamento à luz de uma abordagem equivocada de Paulo, no NT, para sermos cristãos/ãs. O que precisamos é vivenciar a simplicidade do Evangelho que nos foi apresentado pelo próprio Cristo. O cristianismo é simples, não precisa ser reinventado. A vida cristã deve ser vivida no cotidiano por aqueles/as que de fato amam a Deus sobre todas as coisas e ao/à próximo/a como a si mesmos/as.

E que o Deus da Graça, o Deus da Bíblia (Antigo e Novo Testamentos) nos ajude a compreender melhor seu propósito para o povo chamado metodista, para que estejamos sempre prontos e prontas para responder: “Fala que teu/tua servo/a ouve”. E que no caminho para a perfeição cristã, possamos nos lembrar que: “o melhor de tudo é que Deus está conosco”.

Suely Xavier dos Santos é pastora metodista, doutora em Ciências da Religião e professora de Bíblia da FATEO.



*A Bíblia
e o povo*

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



Pistas para a interpretação bíblica hoje a partir da leitura da Bíblia em John Wesley

Ricardo Lengruber Lobosco

A leitura da Bíblia é um componente central na vida eclesial. É um elemento, ao mesmo tempo, primeiro e último na experiência religiosa dos cristãos; notadamente, dos cristãos evangélicos. Primeiro, porque é a fonte a partir da qual se constroem as matrizes de pensamentos e doutrinas. Último, porque é a direção para qual se aponta a prática e para a qual se dirige a própria fé. A Bíblia é uma espécie de marca identificatória do ser cristão.

Se isso é verdade com relação ao Cristianismo, é ainda mais acertado no que diz respeito aos cristãos de tradição protestante e evangélica. Desde Lutero, com o sola scriptura [somente a escritura], os textos bíblicos ganharam centralidade na prática devocional, bem como na orientação moral dos cristãos.

Ler a Bíblia e ler o mundo

Em John Wesley, o que já era especialmente caro à Igreja, tornou-se elemento essencial na pregação efetiva do Evangelho. Ler,

estudar, refletir, pregar e ensinar a Bíblia se tornou princípio norteador da prática metodista.

O próprio Wesley, que era bom conhecedor das línguas bíblicas (hebraico e grego), cultivava um apreço especial pelo estudo sério e sistemático das Escrituras. Publicou,

ou seja, homem de um livro só! Em outras palavras, reconhecia na Bíblia a fonte inspiradora para a vida humana. Mas, por paradoxal que pareça, dizer-se homem de um único livro não o privou de ler (e produzir) vasta literatura de caráter extra-bíblico e teológico.

passado faz perder a beleza da Bíblia como agente na transformação da vida concreta das pessoas de hoje, mas deixar de examinar a História é correr o risco de, perdendo a memória, perder também os traços que nos identificam.

Leitura bíblica e razão

Na leitura da Bíblia, Wesley sugeria que houvesse elementos iluminadores. Agentes externos que auxiliassem o leitor. Por isso, advogava sobre o uso consciente da Razão. Em Wesley, a piedade cristã não se deixou levar pelo simplismo da experiência mágica da leitura da Bíblia. Houve sempre a busca por ilustração (razão) no processo de interpretar as Escrituras.

É bastante saudável conhecer as orientações de Wesley a esse respeito. Na sua metodologia de leitura dos textos, recomendava que fossem feitas comparações entre as passagens bíblicas. Sua ideia fundamental é que a Bíblia podia (devia) ser um agente explicador de si mesmo. É, de certa forma, um embrião da



corbis.com/42-23531981

além dos mais de cem sermões, um comentário sobre toda a Bíblia, sendo três volumes dedicados ao Antigo Testamento e um ao Novo; além disso, publicou muitos livros e um número expressivo de folhetos e cartilhas com vistas à educação bíblica popular.

Dizia ser homo unius libri,

Talvez já esteja aqui uma bela contribuição da prática wesleyana à vida eclesial contemporânea: a Bíblia como fonte da experiência de fé, mas sempre lida ao lado de rica literatura. Ler a Bíblia significa ler o mundo; ler o mundo compreende ler a Bíblia de forma ampla e criativa. Focalizar o olhar no

A Bíblia e o povo

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



leitura exegética que quer compreender o texto nele mesmo.

Mas, ia além, e revelava o seu apreço pelo conhecimento das línguas e dos manuscritos bíblicos. Wesley tinha clareza quanto ao fato de que as traduções são sempre aproximações interpretativas do texto e não os textos propriamente. O leitor da Bíblia, ao ter a consciência da distância que separa o mundo do texto e mundo do leitor, se tornaria, então, um leitor mais lúcido e, portanto, melhor capacitado para a compreensão do texto.

Pela mesma razão, Wesley recomendava o recurso a manuais bíblicos. Fontes de tipo enciclopédico que ajudassem na compreensão de dados filológicos, geográficos, históricos, sociais e culturais que esclarecessem o mundo do texto. E, por semelhante modo, para que a leitura do texto antigo produzisse frutos no mundo do leitor, Wesley orientava que houvesse uma leitura lúcida e crítica dos sinais dos tempos. Não bastava compreender o mundo do texto; era urgente que se tivesse em mente a verdadeira realidade do mundo dos leitores.

Um caminho para a leitura bíblica

Embora não haja um protocolo bem definido (se pensado sob o ponto

de vista exegético), a leitura bíblica empreendida por Wesley ainda pode ajudar muito ao agente de pastoral de hoje que deseja sinceramente fazer da Bíblia luz para o caminho dos cristãos.

Por conta disso, creio que seja possível, propor um caminho na leitura:

1. Primeiramente, há que se ter em mente “como estudar”, “como ensinar”. Estas duas tarefas estão intimamente relacionadas. No caso da Bíblia, de maneira mais profunda ainda, pois quem a estuda, o faz para testemunhar, para ensinar. Portanto, quem ensina deve ter uma boa formação teórica; dominar o conteúdo e estar apto para lecionar. E quem aprende deve ser motivado a uma postura crítica, reflexiva e construtora, na medida em que se apropria dos recursos fornecidos e elabora a sua própria maneira de conhecer. Na verdade, é preciso aprender a aprender!
2. Em seguida, há que se ter em mente os pressupostos para ler e estudar a Bíblia. Em outras palavras: reconhecer a Bíblia como fruto de um processo histórico complexo. Ela é, em termos teológicos, o diálogo travado entre Deus e a sua Criação, es-

pecialmente com os homens e mulheres concretos de Israel, da Igreja e de hoje. É indispensável, na leitura da Bíblia, manter o equilíbrio entre Fé e Razão. Perceber as distâncias entre nós e a Bíblia, no tocante à história, à sociedade, aos valores, aos costumes e, até mesmo, à religião. Procurar conhecer o máximo possível sobre a história de formação da Bíblia, para melhor compreender o lugar que ocupa cada uma de suas partes no todo.

3. Por fim, há que se estabelecer uma metodologia mínima:
 - a) ter sobre a mesa várias traduções da Bíblia, para comparações. Usar dicionários e comentários bíblicos. Utilizar, também, Bíblias de Estudo; com introduções, notas e referências. Sempre que possível, ao final do estudo, ler um estudo já feito (seja em revistas ou livros) para enriquecer o trabalho. Importante: selecionar todo esse material com o maior senso crítico possível. Procure saber referências sobre os autores, editoras e obras. Não se deixar levar apenas pelas aparências é indispensável.

b) Diante do texto, há perguntas

que podem ser feitas: onde e quando ocorreu este fato? Quem são os personagens mencionados na trama? Como se desenrola a história e qual o papel de cada personagem? Quais são as palavras-chaves do texto? Aquelas que mais se repetem? Os verbos? Essas e muitas outras indagações poderão ajudar a clarear o significado dos textos. c) E, depois de lido e compreendido o texto, é hora de olhar para frente: que lições estão sendo ensinadas? Sublinhar os valores do Reino de Deus que estão presentes no texto. Como tornar este texto algo que produza transformação na vida?

Simplesmente repetir o que Wesley fez é entrar por um caminho simplista e, por conta do anacronismo, medíocre. O que nos desafia hoje é ler a Bíblia de modo que seus textos ecoem como Palavra de Deus para homem contemporâneo. Nessa difícil tarefa, Wesley pode nos ajudar muito, porque soube ser sensível aos sinais dos tempos, das experiências, da razão e da criação. Eis o nosso desafio!

Ricardo Lengruher Lobosco é pastor metodista, doutor em Teologia, professor de Antigo Testamento na Faculdade de Teologia do Centro Universitário Bennett e colaborador da FaTeo.

*A Bíblia
e o povo*



O círculo bíblico: uma experiência no morro de Santa Teresa

Marcelo Carneiro

Pensando no tema “A Bíblia e o povo” lembrei de uma experiência muito rica que vivi em 1997, no morro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Uma das favelas com a vista mais bonita da cidade, onde se via a Urca, o Pão de Açúcar, o Iate Clube, e ao mesmo tempo se vivia o medo do tráfico. As pessoas sabiam onde ficava o arsenal dos bandidos, mas nada podiam falar, porque a opressão da lei do silêncio imperava (não sei exatamente como está hoje, até porque não há UPP naquele local). Ali realizávamos estudos bíblicos as tardes dos domingos. Eram momentos muito agradáveis de edificação espiritual da comunidade, uma Escola Dominical no lar. Foi nesse local que pude constatar a riqueza do texto bíblico e o efeito dele entre as pessoas simples da comunidade.

A escolha

Eu era seminarista e fiquei responsável por elaborar os estudos. Eu tinha acabado de estudar um livrinho do CEBI, de autoria de Carlos Mesters,

com o tema “Senhor, dá-me dessa água!” O diálogo da samaritana com Jesus. João 4,1-42 (Palavra na Vida n. 113, CEBI: São Leopoldo, 1997). O livreto, muito simples, mas profundo, logo tornou-se alvo de minha atenção, afinal, foi escrito para ser usado na comunidade!

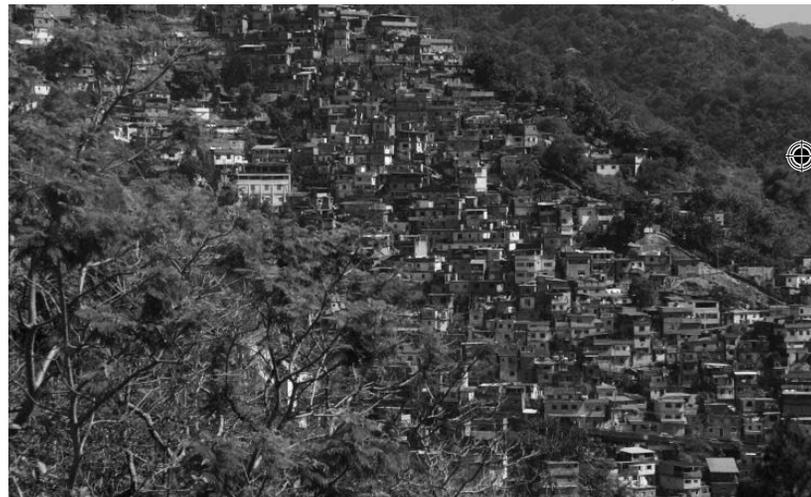
Carlos Mesters é um biblista para todos, independente da denominação. Está mais preocupado em passar a mensagem autêntica do texto do que cumprir programas eclesiais. Mas não se enganam achando que ele não escreve para o povo da Igreja; pelo contrário, está o tempo todo pensando nesse público, especialmente as pessoas mais simples, sem muita escolaridade. O grupo do qual ele faz parte (CEBI – Centro de Estudos Bíblicos) marcou época nas últimas décadas produzindo vasto material de estudo bíblico a preços bem populares, com didática pastoral, e teologia de profunda ligação com a vida do povo simples. Agora era ler o material e planejar os encontros.

O texto e a metodologia

Na verdade, o livreto de Mesters é tão didático que não havia o que acrescentar. Tratava-se de uma proposta desafiadora: durante dez semanas ler o texto de João 4.1-42

de leitura orante, começa pela leitura atenta do texto. Atenta e contínua, pois foge da tentação de dar conta de muitos textos e estudá-los superficialmente. Uma máxima da exegese é que ela começa com leitura atenta e re-

Renato Andrade/br.olhares.com



inteiro, mas a cada semana destacar um aspecto dele. De início, um panorama do evangelho de João, situando o diálogo dentro dele. Depois disso, a começar do assunto da água, Carlos Mesters nos leva a encontros de diálogo e oração, onde as questões de cada um podem ser colocadas sem medo, a exemplo do

que a mulher faz.

A metodologia, chamada

petida do texto. Afinal, a Bíblia é essa fonte de água viva, que supera a limitação humana e permite a comunicação perene entre Cristo e sua Igreja. E essa comunicação fica mais rica na medida em que a comunidade se senta junta para fazer isso; a ideia de texto feito em mutirão se torna viva e concreta.

A segunda etapa está a meditação ou reflexão, em que as pessoas são in-

*A Bíblia
e o povo*

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



centivadas a colocar suas impressões sobre o texto a partir de determinado foco: numa semana o foco é a sede, no outro a água, no outro o ser profeta, e assim por diante. O texto traz alguns subsídios para facilitar o processo. Aprende-se, na condição de facilitador do círculo, a fazer mais perguntas do que dar respostas prontas. No fim do encontro vem o necessário e oportuno tempo da oração, em que cada um se coloca diante da realidade colocada e pede a Deus que o transforme conforme Sua vontade.

Ao ler o material tive a certeza que podia usar com o grupo de Santa Teresa. E foi o que fiz, iniciando os círculos do texto de João 4.

A experiência de leitura comunitária

Na primeira semana coloquei a proposta e as pessoas ouviram atentamente, ficando animadas com a possibilidade de aprofundar um texto tão bonito. Naquele domingo lemos o texto e estudamos o contexto do Evangelho de João. A partir daí continuamos os círculos dominicais, sempre com mais gente participando, interessada em aprender mais do mesmo, no me-

lhor sentido do termo. Havia sempre a expectativa sobre o que seria destacado, afinal, era o mesmo texto da semana passada! Mas qual era a surpresa quando nos víamos debatendo assuntos totalmente diferentes dos discutidos antes. A sensação geral no fim de cada encontro era de sorver do texto, como quem mata a sede. Sentíamos a grandeza da profundidade da Bíblia, ao mesmo tempo em que ela se tornava mais acessível.

da própria leitura feita, ou seja, uma rica hermenêutica. Mas o mais importante foi o fato do estudo estar associado à vida das pessoas, que ficavam felizes em poder colaborar com a construção da leitura da Palavra Divina.

Sempre terminávamos o círculo com um lanche, um segundo momento de partilha, e a intimidade entre as pessoas aumentou, fazendo o grupo crescer em comunhão e solidariedade. Sem dúvi-

rica e plural, como é próprio do coletivo, em que há uma riqueza de pensamentos e pessoas. Os problemas são compartilhados por iguais, e não há um dominador de ideias, o que é a tentação no estudo da Bíblia.

Agora, da parte de quem coordena o processo deve haver bastante preparação, não só lendo o roteiro, mas antecipadamente realizando a tarefa meditativa de ler o texto. Assim, a condução não será um ato mecânico, mas também será parte natural do processo. Outra orientação que se pode ter em conta é que textos maiores são melhores do que textos mais curtos. Mas nada impede que se pegue um capítulo de evangelho ou epístola para essa tarefa, mesmo que internamente haja divisões. Um aspecto libertador dessa forma de leitura é superar o velho esquema capítulo e versículo, separados pelos títulos colocados pelos tradutores. É uma leitura feita pelo povo e com o povo, respeitando as tradições populares que o produziram.

Marcelo Carneiro é pastor metodista, doutorando em Ciências da Religião e professor de Bíblia da FATEO.



Como foi bom estudar a Bíblia com aquelas pessoas, algumas que mal tinham o ensino fundamental (antigo primário), mas com muita sensibilidade para “escutar” o texto. Nesse grupo percebemos a textura da narrativa, pudemos apreciar a semiótica do texto, e dar interpretações plurais a partir

da foi um dos melhores modos de estudar a Bíblia com a Igreja.

Conclusão

Estudar a Bíblia com o povo não precisa ser um processo de exposição impositiva, em que só cabe uma forma de ler o texto: a do líder. A leitura das Escrituras torna-se

*A Bíblia
e o povo*



Caminhos altaneiros para fora das realidades tumulares

Luciano José de Lima

Introdução

Certa vez, em uma conferência, o teólogo José Comblin (que desde o dia 27 de março de 2011 nos precede no caminho da ressurreição), disse que versar sobre a proclamação da Boa Notícia implica no enfrentamento das forças da morte que anulam a dignidade humana, tema muito caro ao Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista, bem como ao seu Credo Social.

No centro de tal discussão não está a negação da morte como um fenômeno natural, sendo esta parte da vida que se completa. À luz das Escrituras, a morte e suas forças são questionadas e enfrentadas em sua associação com a injustiça e opressão. Para o mundo bíblico, a luta contra a morte se dá no enfrentamento das causas geradoras daquilo que Gustavo Gutierrez chamou de morte antes do tempo. Isto é, toda ação que ceifa a dignidade, a força, as condições de uma vida salutar, tudo o que nos rouba de nós mesmos/as. Tudo o que reduz nossa existência a uma realidade sepulcral, nos aliena da vida plena, nos torna exilados/as de nossa terra, nos deixando um verdadeiro vale de ossos secos.

Estar na morte, mesmo que em vida, é o projeto da carne, o mundo da escravidão como lembra Paulo (Rm 8.6-11). Eis uma triste realidade: corpo despedaçado, puro osso ressequido, ausência de liberdade, carência de libertação. Daí o sentido da paráfrase do salmista: “faze-me justiça ó Deus”, pois sou um Lázaro, habito o mundo dos mortos, tenho faixas por ornamentos, minha moda é a mortalha.

Explicação

É sobre realidades como esta que nos fala o Evangelho, apontando caminhos de Ressurreição, libertação das forças da morte. Lembram-nos os exegetas que a comunidade joanina estava marcada por perseguições e exclusões por parte do grupo judaico ligado ao “sínodo” de Jâmnia, que, ao buscar normatizar o judaísmo pós-destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., acabou excluindo outras expressões de tradição judaica, dentre elas o judaísmo cristão. O que inclui as comunidades cristãs da Transjordânia, entre elas a comunidade do Discípulo Amado. Isso com direito a expulsões da sinagoga e maldições

aos nazarenos em orações rituais.

Além disso, internamente a comunidade era marcada por disputas de poder: Quem seria “herdeiro” da tradição mais genuína do seguimento de Jesus? Daí viria a série de conflitos acerca da autoridade entre grupos ligados às figuras dos apóstolos, ou ainda, ligados a Maria Madalena, João Batista e ao próprio Discípulo Amado.

Depois de muitas idas e vindas, em pelo menos três etapas o Evangelho de João foi concluído e, ao que nos parece, propõe que se veja no amor o critério de reorganização das comunidades de seguidores e seguidoras de Jesus. O mais importante era ser um discípulo ou uma discípula a quem Jesus amava, como parece ser o caso de Marta (cujo nome significa senhora), uma possível liderança feminina. Ou mesmo como Maria (cujo nome significa a amada) ou Lázaro (o qual significa aquele a quem Deus ajuda).

Em sua organização final, o Evangelho de João, segundo a exegese, se estrutura em dois grandes blocos ou livros, com um prólogo, um apêndice e dois epílogos. **Interessa-nos**

mais de perto hoje o chamado Livro dos Sinais, dentro da primeira parte do texto evangélico. O Livro dos Sinais apresenta uma sequência de sete sinais que se inicia no episódio das Bodas de Caná (primeiro sinal) e vai até a Ressurreição de Lázaro. Sete sinais que inauguram a nova criação. Sendo o último o ápice das ações comunicadoras de vida que Jesus apresenta, pois tira uma pessoa do túmulo. O Vento que sopra onde quer guia Jesus numa jornada de amor que se manifesta concretamente nos sinais de vida, até a sua mais radical manifestação, chamar Lázaro do sepulcro. Uma pessoa aprisionada no fundo do abismo, império de ossos ressequidos, cujo grito mais ninguém ouvia. Prisão de homens e mulheres lazentos. Alguns destaques desta narrativa merecem ser feitos sem a pretensão de esgotarmos as riquezas do texto:

Na Casa dos Pobres um diálogo sobre ressurreição

Ressuscitar é fazer a justiça acontecer, a vida dos despossuídos e subjugados pela opressão precisa ser vindicada hoje. Não se pode deixar nada para depois. Por isso Jesus parte

Sermão

Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



rumo ao sul, justamente lugar do qual deveria ficar afastado, pois já tinham tentado apedrejá-lo uma vez. Ir até Betânia era por demais arriscado, entrar na região era risco de morte. Mas Jesus vai assim mesmo. Por quê? Porque, segundo a Escritura, ele amava. Amava a ponto de pôr sua vida a perder. Amor que na Bíblia tem ver com ação de justiça, não aquela concepção romântica das novelas. Perder-se de amor, perder-se por amor, caminho dos que encontram a o sentido da existência. Uma canção do século dezesseis dizia: “Por amor me perdi... e se me pergunta se algum dia outra vez me perderia, outra vez me perderia”.

O que gera a morte de Lázaro não é o pecado, como costumavam dizer os poderosos da época, justificando assim o sistema do qual se beneficiavam. A doença que gera a morte é fruto da injustiça que transforma a vida de muitos em uma cova aberta. Mas Jesus, para o qual nenhuma situação deveria ser para a morte, propõe que tal situação se reverta para a glória de Deus. Recordemos que, segundo um dos Pais da Igreja, Irineu de Lion, a glória de Deus é o ser humano vivo.

Assim, sob todos os riscos e apesar da compreensão tardia dos apóstolos, Jesus parte para Betânia, em hebraico, Casa dos Pobres. Lá o Verbo encarnado, radicalmente humano e por isso divino, chora. Mas lá, em meio ao mar de salgada tristeza sopram palavras de

esperança para Marta. Esta sonhava com a ressurreição do último dia, sem perceber que, às vezes, jogar para o fim pode ser um modo de convenientemente convidar à resignação e ao conformismo, bem adequado para os poderosos imobilizarem o desejo de justiça dos aflitos. Por isso, para Jesus, a ressurreição não espera para amanhã. A experiência/vivência de ressurreição, vinculada à ação amorosa e transformadora, exige que os ossos ressequidos que choram hoje não fiquem amortalhados no abismo da indiferença. Os subjugados pela opressão não devem ser deixados para depois.

Eu sou a ressurreição e a Vida. O que significa?

Jesus, um pobre camponês Galileu, no qual o divino se manifesta no mundo, reafirma sua identidade para suas seguidoras e seus seguidores, estabelecendo uma relação com a ressurreição, em grego anastasis, também traduzido por elevação, vindicação, ato de fazer subir. O que tem a ver com a idéia de sair do abismo, subir do Xeol, vencer a realidade do sepulcro. Ressuscitar, elevar para a vida, viver feliz e dignamente, com esperança para além desta vida, mas sem alienar-se desta. Caminhar altaneiramente, conforme a profecia de Habacuque (3.19).

Além de ressurreição, Jesus diz ser a vida, em grego Zoé, termo que abrange a ideia

de vitalidade para além da esfera biológica, sem de modo algum negá-la. Vida radicalmente plena, tal qual Deus criou, compôs, plantou. Vida não exilada, não alienada de si mesma, consciente, comunitária, partilhada: peixe assado no fogo, coco maduro na praia, onda salgada no mar, como diria Rubem Alves.

Sair do sepulcro: Um convite aos Lázaros de ontem e hoje

Por fim, Jesus chama Lázaro pelo nome, pois o divino não anula nossa identidade, mas a reintegra. Suas palavras, fôlego da re-criação, brisa sobre os corpos que coloca vento nos pés, movimentando o cata-vento da vida. Voz que vai até o fundo do abismo, de onde a dor de Lázaro faz subir seu grito mudo, gemido dos sem voz. Palavra de amor balbuciada no ouvido daquele que já não era mais capaz de ouvir, palavras que exorcizam a morte. A profecia se cumpriu, Ezequiel tinha razão, basta soprar benfazejas palavras sobre os ossos. Reino de Deus entre nós.

Uma história que ainda não terminou

A história não termina aí, como no final feliz de uma novela. O testemunho de Jesus, o Sétimo Sinal, gera incômodo. Perigo para Jesus e para o próprio Lázaro que, mal se torna redutivo, e já está no plano homicida dos donos do poder. No Evangelho de João é exatamente a

ressurreição de Lázaro que provoca as ações mais diretas que levarão Jesus à morte. Mesmo assim, Jesus insiste, é preciso amar, é preciso soprar sobre sepulcrais realidades para que os oprimidos vivam, para restituir a voz a quem está emudecido como um cadáver. É preciso ser testemunha dos feitos do Pai no mundo, atos que maternalmente reconstróem o cosmos, composição musical em sete notas de uma nova criação, canção de protesto, canção de amor que vibra em todo o Uni-verso, poema do Reino, palavra de Deus.

Conclusão

Em tempos de disputas pelo poder dentro das igrejas, em tempos em que a discriminação étnica ainda é forte em nossa sociedade, em tempos em que mulheres são vítimas de violência a cada quinze segundos, em tempos de retorno dos fundamentalismos, em suma, em tempos de tumultares realidades, há muito que se testemunhar acerca dos sinais ressuscitadores. Forças da morte ainda rastejam neste mundo.

Há túmulos a serem abertos, mortilhas a soltar, ossos sobre os quais profetizar. Que sejamos sensíveis à voz dos quatro ventos e que, por ela inspiradas e inspirados, supremos transformando exércitos de ossos secos em comunidades solidárias. Deus conosco.

Luciano José Lima é pastor metodista, mestre em História e professor da FaTeo na modalidade EAD.

Sermão



Liturgia e meio ambiente: qual a relação?

5 de Junho: Dia do Meio Ambiente

Nas últimas décadas, o tema do cuidado com o meio ambiente vem se impondo com força crescente na vida cotidiana, social e política. Atualmente, o movimento ecológico aprecia e conta com o reforço das tradições religiosas do mundo inteiro. Afinal, na maioria delas cultiva-se uma mística, um amor e um respeito profundo pelo meio ambiente e uma responsabilidade de cuidar dele. Entre nós, cristãos, revertermos a interpretação bíblica equivocada que dizia que o ser humano poderia e deveria ‘dominar’ a natureza; agora compreendemos que se trata de cuidar responsabilmente, administrando com respeito e criatividade os recursos que são limitados.

Como a ecologia está presente e repercute na liturgia?

Professamos a fé no Deus Criador do céu e da terra, no Filho redentor e no Espírito Santo criador e vivificador de todas as coisas. Deus fez uma aliança com o gênero humano, fez-se um de nós na pessoa de Jesus de Nazaré e nos reúne num só corpo no amor, pelo Espírito do Ressuscitado que abrange

e anima todo o universo, ‘até que Deus seja tudo em todos’.

Na Liturgia, celebramos antecipadamente, com alegria e confiança, o mundo novo, a nova terra

lado, ao fazermos uma releitura de nossas ações rituais a partir do enfoque ecológico, a liturgia é enriquecida com novas interpretações. Estas nos levam a uma nova cons-

so selado na liturgia, a ecologia recebe o impulso e o dinamismo da fé cristã (assim como outras tradições filosóficas e religiosas) ao assumirmos com amoroso empenho nossa responsabilidade no cuidado com o planeta terra e com todo o cosmo.

Olhemos, pois a título de exemplo, algumas expressões litúrgicas (orações, textos bíblicos, gestos e ações simbólicas, hinos e outros cantos...) e destaquemos o substrato ecológico – ou ecoteológico – destas expressões e que sugerem determinadas atitudes ecológico-espirituais.

Teu nome é Senhor, maravilhoso... o céu manifesta a tua glória, com teu resplendor é revestido (Sl 8).

São inúmeros os textos semelhantes em várias celebrações litúrgicas nos quais cantamos a beleza da criação. Reconhecemos a presença e a glória de Deus em todas as criaturas e, por isso, bendizemos, louvamos, glorificamos, damos graças e convocamos toda a natureza ao louvor de Deus.

Qual é o sentido teológico ‘embutido’ nestas expressões? A criação é



e os novos céus, o reino de Deus entre nós. E assim recobramos ânimo para o embate do cotidiano.

Talvez possamos pensar a relação ecologia/liturgia como sendo uma rua de duas mãos. De um

ciência e a novas atitudes espirituais em suas implicações sociais e ecológicas no ‘culto espiritual’ que somos chamados a viver em nosso dia-a-dia (cf. Rm 12.1-2). E, desta forma, a partir do compromi-

Liturgia



uma dádiva, um presente maravilhoso de Deus, reflexo de sua glória e de sua grandeza, 'habitat' de todas as criaturas. Podemos desfrutar, somos beneficiários/as...

Qual é a atitude espiritual que provocam em nós que as proclamamos de coração? Admiração, alegria, gratidão, louvor, respeito. Expressam e alimentam nossa fé no Deus Criador! Com o salmista reconhecemos Deus como 'dono' de tudo isso: Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe (Sl 24).

Podemos incentivar a relação da celebração com a criação ao cuidarmos do espaço litúrgico: que incorpore pedras, água e outros elementos da natureza; que, de preferência, nos permita ver a natureza em volta, árvores ou arbustos ao redor da igreja; que as flores que colocamos para dar um ar festivo ao ambiente sejam flores ou folhagens de verdade (e não de plástico...) e que sejam arrumadas artisticamente. É muito bom de vez em quando celebrar ao ar livre, pés no chão batido ou na grama, nossa pele sentindo o vento, todo o nosso ser em sintonia com a terra da qual fazemos parte...

Deus criou o ser humano à sua imagem... e lhes disse: Sejam fecundos e multipliquem-se, cuidem da terra e de tudo o que ela contém... (Gn 1. 27-28)

Aprendemos com a Bíblia que Deus fez de nós, homens e mulheres, criaturas "à sua imagem e semelhança", seus herdeiros, aliados, co-criadores na deslumbrante tarefa de recriar o mundo, responsáveis no cuidado para com todas as coisas criadas. Trata-se do "cuidado" no duplo sentido de manter e fazer desabrochar as potencialidades através de todas as formas de "cultura", desde a agricultura até a literatura e a música, desde a arte culinária até as múltiplas e instigantes formas de pesquisas científicas e criativas aplicações técnicas.

Tudo nos foi dado, porém, não como donos, e sim colaboradores, chamados a "gerenciar" este mundo de Deus, conforme a meta que ele estabeleceu e que se encontra de certo modo resumido na primeira parte da oração que Jesus nos ensinou: Santificado seja o teu Nome, venha o teu Rei-

no, seja feita a tua vontade.

Não podemos separar criação do mundo e escatologia; possibilidades da criação e justiça do Reino. Tampouco podemos considerar esta tarefa como sendo confiada a indivíduos isolados, mas à humanidade como um todo; não para o bem de uns poucos, mas de tudo e de todos, em comunhão.

A atitude espiritual que isso sugere é a de grato empenho, de responsabilidade comunitária, coletiva, considerando e tratando a terra como a 'casa de todos'.

Tende compaixão de nós, Senhor, porque somos pecadores...

No momento de confissão na liturgia, devemos levar em conta a dimensão ecológica de nossa fé e ter lucidez e humildade para confessar: "Pecamos, Senhor! Nós nos distanciamos do projeto inicial. Rompemos nossa relação de criaturas e deixamos de dar glória a ti, ó Deus. Trocamos o olhar de contemplação e de encanto com a natureza por um olhar de cobiça. Em vez de cuidar do planeta, vendemos, desmatamos, destruimos,

desperdiçamos... Em vez de cuidar da terra para todos, muitos se apoderam dela para enriquecimento próprio, como fez Acab, que tramou a morte de Nabot para ficar com a vinha dele (1Rs 21.1-16). Usamos a terra

egoisticamente, privatizamos, roubamos... Não mais reconhecemos a ti, ó Deus, como dono da criação. Não reconhecemos a natureza como obra sua e, destruindo-a, calamos o cântico das criaturas".

Tomar consciência de nossa atitude destrutiva é o primeiro passo para reparar o mal praticado e tomar um novo rumo. Por isso, além dos ritos penitenciais rotineiros, sempre que ocorrer um ato grave de agressão à natureza, deveríamos – como comunidade cristã – reagir com vigílias de protesto e oração, além de convocar o povo para que seja reparado o dano causado.

Vi um novo céu e uma nova terra... O que está sentado no trono declarou então: Eis que faço novas todas as coisas (Ap 21).

Na celebração da Páscoa somos renovados na Páscoa de Cristo, fazendo

Liturgia



a renovação de nossas promessas batismais e participando da ceia da nova aliança, realizada no sangue do novo Cordeiro. Em Cristo, por sua morte e ressurreição, e no dinamismo do Espírito que foi derramado, é possível deixar de lado nossa maneira corrupta de viver e começar uma vida nova. Isto vale também em relação à natureza e todo o cosmo. O mistério pascal, o mistério de nossa salvação em Cristo e no Espírito tem dimensão cósmica. Não somente nós, seres humanos, mas a criação inteira geme e sofre as dores de parto... Ela vive na esperança de ser ela também libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. (Cf. Rm 8.8-25).

Crer na ressurreição de Jesus Cristo é acreditar que o Espírito de Deus está ativamente presente em toda a realidade criada com seu dinamismo criador, vivificante, renovador, para fazer acontecer a renovação pascal da totalidade do universo, incluindo os seres humanos. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida... a vida renovada, recapitulada na Páscoa

de Cristo. É por isso que, para nós cristãos, assumir a ecologia é uma missão, uma participação, uma co-operação no trabalho do Ressuscitado e do seu Espírito. Nele somos chamados a reverter o quadro de descaso, destruição e corrupção em relação a toda a realidade; somos convocados para restaurar a criação, refazer a aliança com o Deus da VIDA. Nele somos chamados a assumir com alegria, garra e competência o projeto de vida para tudo e para nós.

Porque eu recebi do Senhor aquilo que vos entreguei...

No rito da preparação das oferendas da celebração eucarística, temos como que condensada a economia sacramental que vai desde a criação até a escatologia. O pão e o vinho trazem em si todas as forças cósmicas que atuam no crescimento do trigo e da videira, simbolizando todas as coisas criadas. Sintetizam também as várias dimensões da cultura humana, desde a preparação do solo e o cultivo das plantas, até a transformação através da arte culinária e da vinicultura, assim

como todo processo de comercialização e distribuição. Nós bendizemos o Senhor, porque é da bondade dele que provêm tanto as forças da natureza quanto a capacidade cultural humana; e ainda mais: é por ele que se tornarão para nós o pão da vida e vinho da salvação. São assumidos no memorial da morte e ressurreição de Jesus Cristo, partilhados e distribuídos em comunhão, prefigurando a plena comunhão futura quando 'Deus será tudo em todos' (Cf 1Cor 15.18).

No intervalo entre a celebração eucarística e a escatologia, situa-se a missão de restaurar a criação mutilada, aprendendo o "desenvolvimento sustentável", instaurando a justiça e a solidariedade, a partilha e a justa distribuição dos bens da natureza e da cultura. Tudo isso numa atividade de gratidão, responsabilidade e criatividade.

Na liturgia, não somente o pão e o vinho, mas todos os elementos, como luz, água, óleo, fogo, ar, sopro, flores... representam simbolicamente Jesus Cristo e o Espírito, e nos lembram sua presença atuante em toda

a realidade criada. O uso respeitoso deles na liturgia nos sugere o mesmo respeito e cuidado no trato cotidiano. Também a bênção litúrgica no início da refeição nos lembra que o alimento é bênção de Deus, coisa sagrada para alimentar a vida, e que pede a partilha do Reino, para que todos tenham vida. Na liturgia celebramos a santificação de todos os seres, de toda a realidade cósmica.

E muitos outros...

Haveria muitos outros aspectos a serem considerados. Seguem alguns:

– A recordação da vida, a pregação e as orações são momentos importantes para lembrar nossa responsabilidade ecológica.

– Ao longo do ano litúrgico convém ressaltar a dimensão ecológica de cada tempo e festa, a interação simbólica com as estações da natureza (diferentes em cada região) e nossa participação na longa história da salvação, que tem como meta o Reino de Deus.

Extraído e adaptado de Ione Buyst. *Ecologia e Liturgia*. Revista de Liturgia, setembro/ outubro, 2008. p. 34-36.



Ano 19, nº 48, janeiro/maio de 2011



Oração pela PAZ E compromisso com o MEIO AMBIENTE

Liturgia da Palavra

Prelúdio

[Ao toque do sino, acende-se a vela e a Bíblia é trazida ao altar]

Leitura de abertura:

Salmo 146.1-2

♪ *Comunhão Preciosa*
(HE 387, 1ª. e 2ª. estrs.)

[In the Secret of his Presence;
L: Ellen Lakshmi Goret
(1853-); Trad.: Myron

Salmódia: *Salmo 146*

♪ *A Certeza do Crente*
(HE 388, 1ª. e 2ª. estrs.)

[L: Rev. Justus Henry
Nelson (1849-1931); M:
James Mc Granahan
(1840-1907)]

Segunda Leitura:

Gálatas 1.11-24

♪ *União Fraterna*
(HE 395, 1ª. e 2ª. estrs.)

[Dennis; L: Sarah Poulton
Kalley (1825-1907);
M: Hans Georg Nageli
(1773-1836);
Arr.: Lowell Mason
(1792-1875)]

Oração pela paz na Palestina

Deus da graça e Pai celestial, Criador e sustentador de cada vida, damos-te graças e te louvamos por presentear-nos com teu único Filho, Jesus Cristo — seu nascimento em Belém, seu mistério através da Terra Santa, sua morte na cruz, e sua ressurreição e ascensão. Veio como Príncipe da Paz.

Damos-te graças por cada igreja e paróquia que, em todo o mundo, ora pela paz, neste dia, juntamente conosco. Nossa Santa Cidade e nossa terra estão muito necessitadas de paz.

Em teu insondável mistério, e em teu amor para com todos, permite que o poder da tua Redenção e da tua Paz transcendam todas as barreiras das culturas e das religiões

e inunde o coração de todos os que aqui te servem, tanto de um como de outro povo — israelitas e palestinos — e de todas as religiões.

Na terra que tu fizeste Santa, liberta-nos do pecado e da indiferença, da complacência e da violência que só trazem ódio e morte. Liberta as almas de israelitas e palestinos. Dá libertação, redenção e dignidade à população de Gaza, que vive sob dificuldades, ameaças e bloqueios. Guia aos líderes desta terra, purifica suas mentes e corações, para que sejam verdadeiros servidores de seus povos. Fala tua palavra de amor para que todos possamos ouvir, guia-nos à justiça em todas as terras, dá-nos o poder para proclamar teu reino, supera as distâncias que nos dividem e nos preocupam, e permite que venha o teu reino.

Tudo isto te pedimos em nome de Jesus Cristo, destruidor de barreiras e que compartilha da nossa humanidade, e no poder do Espírito Santo, que ora em nós e através de nós. Amém.

[Oração de Jerusalém — Trad. do esp. para o port. por Luiz C. Ramos]

♪ *União Fraterna*
(HE 395, 3ª. estr.)

[Dennis; L: Sarah Poulton
Kalley (1825-1907); M: Hans
Georg Nageli (1773-1836);
Arr.: Lowell Mason
(1792-1875)]

Leitura do Evangelho:

Lucas 7.11-17

♪ *A Velha História*
(HE 216, 1ª. estr.)

[Evangé; L: Arabella
Katherine Hankey (1836);
Trad.: Sarah Poulton Kalley
(1825-1907);
M: William Howard Doane
(1832-1915)]

Prédica

♪ *A Velha História*
(HE 216, 2ª. e 3ª. estrs.)

Ofertório

Liturgia da Mesa

Ceia do Senhor

[Conf. Ritual Metodista]

♪ *Santa Comunhão*
(HE 193)

[Evan; L: Sarah Poulton Kalley
(1825-1907); M: William Henry
Havergal (1793-1870)]

Momento da Comunidade

Compromisso com o Meio Ambiente

[História: “Diva, a latinha que entrou pra história” de Luiz Carlos Ramos; Ilustrações de Silvio Gonçalves Mota; Arte final: Marcos Brescovici. Animação disponível em <http://www.luizcarlosramos.net/?p=3121>]

Bênção

♪ *Amém Triplo*

♪ *Postlúdio*

Liturgia produzida pela Coordenação de Liturgia & Arte da FATEO, coordenada pelo Rev. Prof. Luiz Carlos Ramos.



Augusto Clark (1866-1920); M: George Coles Stebbins (1846-1945)]

Primeira Leitura:

1 Reis 17.8-16

♪ *Comunhão Preciosa*
(HE 387, 3ª. e 4ª. estrs.)

[In the Secret of his Presence;
L: Ellen Lakshmi Goret
(1853-); Trad.: Myron
Augusto Clark (1866-1920);
M: George Coles Stebbins
(1846-1945)]

Liturgia

Semana Mundial pela Paz na Palestina e Israel

29 de maio – 4 de junho de 2011

Ação conjunta por uma paz justa convocada pelo Conselho Mundial de Igrejas

O Conselho Mundial de Igrejas convida as igrejas-membros, demais igrejas irmãs e organizações afins a unirem-se na semana de sensibilização e ação em favor de uma paz justa na Palestina e Israel. Todas as pessoas que partilham a esperança de justiça estão convidadas a realizarem juntas ações pacíficas e a criarem um testemunho público internacional comum.

Como participar

Durante a Semana Mundial pela Paz na Palestina e Israel, 29 de maio a 4 de junho de 2011, as igrejas de diferentes países enviam um claro sinal aos responsáveis pelas políticas, aos públicos interessados e às próprias comunidades de fé sobre a necessidade urgente de um acordo de paz que garanta os direitos legítimos e o futuro de ambos os povos, com atividades que envolvem:

1. Orar com as igrejas que vivem sob a ocupação, no domingo 29 de junho, fazendo a oração de Jerusalém.

2. Educar sobre as ações que contribuem para a paz e sobre fatos reais que se opõem a ela, especialmente os assentamentos no território ocupado.
3. Sensibilizar os líderes políticos utilizando políticas ecumênicas que promovam a paz com justiça.

Por que?

Já se passaram mais de 60 anos desde que a divisão da Palestina se consolidou como um pesadelo permanente para os palestinos. Já se passaram mais de 40 anos desde que a ocupação de Jerusalém Leste, da Rivera Ocidental e de Gaza destruiu o ideal pacífico dos povos de uma terra.

Mas o sonho de uma nação não pode cumprir-se a custo de outra.

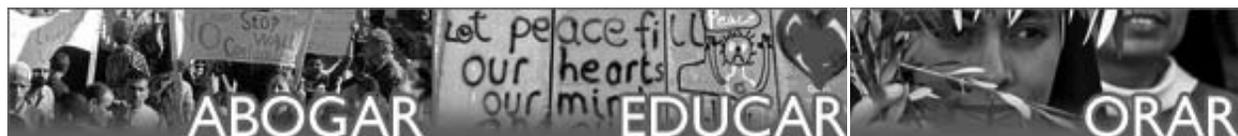
A mensagem da semana é que:

- É tempo de os palestinos e israelenses partilharem de uma paz justa.
- É tempo de libertação da ocupação.
- É tempo de igualdade de direitos.
- É tempo de curar as almas feridas.

Mais informações, a Oração de Jerusalém e outros recursos em: <http://www.oikoumene.org/es/programas/testimonio-publico-confrontar-el-poder-afirmar-la-paz/iglesias-y-oriente-proximo/pief/semana-mundial-para-la-paz.html>



corbis.com/08004319



oikoumene.org